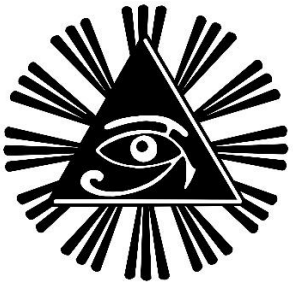

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Amor é a lei, amor sob vontade.
A palavra da lei é
Θελημα

Anno Vviii
☉ in 18° ♈, ☾ in 29° ♌
Dies Martis
08 de Abril de 2025 e.v.
Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:
Via Vulneris, Via Veritatis Epistola

Care Frater,

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Tua inquietação é sagrada. Pois não há Verdadeira Vontade que não passe, em algum momento, pelo punhal de Quíron. Quando escreveste sobre tua ferida — tua sensação de inadequação, de memória truncada e de identidade ferida —, em verdade já estavas em comunhão com o centauro. Aquele que foi rejeitado por seu nascimento e abandonado pela carne, ferido por uma seta envenenada, mas que transformou sua dor em maestria, seu abandono em arte, sua limitação em doutrina.

Quíron na Astrologia é símbolo do processo iniciático que nos obriga a fazer da ferida uma via. A dor, quando aceita, torna-se sacerdócio; a limitação, quando atravessada, torna-se Graal. E, no entanto, nada disso é romântico: pois a Verdadeira Vontade não é o dom do consolo, mas o ato de escavar a alma até encontrar sua fonte. Um só veio de água corre, invisível, sob os jardins arruinados. A flor do deserto não se alimenta do orvalho, mas daquilo que a terra esconde.

Como, então, essa ferida aponta para a Verdadeira Vontade? Permita-me recorrer a uma parábola de *Liber LXV*, que considero central para ti neste momento: *Então o cisne voou e mergulhou e se elevou, mas a lugar nenhum chegamos. [...] E eu encostei minha cabeça contra a Cabeça do Cisne, e ri, dizendo: Não há alegria indizível nesse voar sem rumo?* — Liber LXV, II:19, 24

Aqui está o ensinamento oculto: a Vontade não é uma rota cartesiana, mas uma dança com o Destino. Não é encontrada *apesar* da dor, mas *na* dor. O voo do cisne, que parece sem rumo, é justamente aquele que reencontra o gozo quando aceita a ausência de meta externa. A ferida não é uma falha no mapa; ela é o mapa. A Verdadeira Vontade é o som com que ecoamos a ferida transfigurada.

Para disciplinar esse processo em ti — com as ferramentas da Arte — recomendo duas trilhas, que deves percorrer com sinceridade: a mística e a mágica.

1. A Via Mística (*Liber E vel Exercitiorum*):

A tua primeira arma é o *āsana*, como está escrito: *Senta-te numa das posturas descritas. Que nenhuma parte de teu corpo se mova. A dor te ensinará a concentração*.

Não te furtes da dor do corpo: ela é eco da dor da alma, e deve ser conhecida, absorvida e dissolvida. Quanto mais tua carne resiste, mais a alma se aquieta. Junta a isso o *prāṇāyāma*, e aprenderás que *a mente que se curva mil vezes ao mesmo ponto torna-se como uma lança que perfura o véu*. — Liber Aleph

Anota tudo: *Teu diário é tua lâmpada*. O que não é registrado se esvai, e o que é esquecido, retorna por caminhos tortuosos. A memória deve ser treinada como se treina um cão sagrado, como ensina o *Liber ThIShARB*: *A prática da memória mágica não é para adornar o intelecto, mas para reestruturar o Ego sob a Luz da Verdade*.

2. A Via Mágica (*Liber O, Liber 536, Liber LXX*):

O caminho mágico, ao contrário do místico, não busca silenciar a mente — mas dominá-la pela ação ritual. Em *Liber O vel Manus et Sagittae*, a recomendação é clara: *Cada gesto deve conter o universo*. A precisão dos rituais banimentos, invocações e assunção de formas-deus te ensinará a gravar símbolos no corpo da alma.

Com *Liber 536*, terás acesso à linguagem alegórica da alquimia e do sonho, onde a monstruosidade é revelação. A *Batrachophrenoboocosmomachia* é, em seu grotesco, uma paródia da mente desequilibrada — e um mapa para sua reintegração. Estuda suas imagens com a chave de tua ferida: elas te parecerão espelhos.

Já *Liber LXX — A Cruz de uma Rá* é tua introdução à transmutação da dor em símbolo. *A cruz é a ferida vertical da alma tocada pelo raio horizontal do*

mundo. Seu centro é a rosa. Reescreve tuas angústias nesse diagrama: a lança da tua flecha é também tua cruz, e nela serás glorificado.

A ti, como ao ceifeiro da parábola: *O forte ceifeiro moreno varreu sua foice e alegrou-se. O sábio contou seus músculos, ponderou, e não compreendeu, e ficou triste. Ceifa tu, e alegra-te*! (*Liber LXV*, I:56). Não busques compreender a ferida — antes, faz dela tua ceifa.

A Verdadeira Vontade não é o oposto da dor. Ela é o seu clímax. Quando Crowley, no *Liber VII*, descreve o êxtase da alma como o vinho que embriaga os deuses, ele não fala de um prazer fácil, mas da vitória sobre o abismo interior: *Eu rasguei a carne com ganchos de aço; eu cravei as minhas unhas na medula dos ossos; eu gritei com a voz de um abutre que devora as entranhas de um leão*. — Liber VII, I:5

O mesmo é descrito por Quíron, em tua Carta Natal: tua natureza ferida, tua memória desordenada, tua mente fragmentária — não são obstáculos à Verdadeira Vontade. Elas são a própria convocação ao Caminho. Não ignores tua história, nem tua dor. Transmuta. Transforma. Consagra. Como ensina *Liber AL vel Legis*: *Lembrai-vos todos vós de que a existência é pura alegria; que todas as dores são apenas sombras; elas passam & são terminadas; mas há aquilo que permanece*. — Liber AL, II:9

Esse *aquilo que permanece* é tua Vontade. Tudo o mais passa. Todas as tuas dúvidas, esquecimentos, traumas e hesitações — passam. Mas a estrela em teu coração é imortal. Alimenta-a com cada gesto. Cada prática mística é um sopro nesse fogo. Cada rito mágico é sua dança. E cada queda, cada falha, cada noite escura é apenas o intervalo entre dois lampejos de tua Verdadeira Luz.

Quíron é teu mestre silencioso. Ele guarda a fronteira entre tua condição terrestre e teu destino celeste. Mas, diferentemente do cão infernal, ele não impede tua passagem — ele a instrui. Sua ferida é o livro que deves ler com o corpo. A flecha que o atingiu é também a flecha que te guiará. Não escrevi na instrução sobre astrologia? O Arqueiro perfurou o escuro coração do eu com sua flecha, e jorrou ouro e vinho. Então eu bebi, e tornei-me aquilo que fui.

Tu és chamado não a te curar, mas a recordar. Não a vencer a ferida, mas a comungar com ela. Pois só aquele que sangrou pode verter bálsamo. Só aquele que caiu pode erguer outros. Só aquele que mergulhou nas águas pode ensinar os afogados a respirar.

Segue, pois, firme. Escreve. Medita. Invoca. Observa. Persevera. Quando te sentares diante do espelho de tua memória, e nada vires senão ruína — lembra-te do ouro fino. Não na aparência do espelho, mas em sua profundidade: *Eu*

fui o amante e a amada, e o vencedor e o vencido. Pois todas as coisas estão em mim, e eu não sou coisa alguma, senão aquele que sabe. — Liber LXV, V:63

E se algum dia não souberes mais quem és, nem para onde vais, toca tua ferida. Ela é tua estrela secreta. Nela está o Sinal.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Fraternalmente,
Frater AHA-ON 777 ∵ 8°=3□
Praemonstrator do *Outer College Brasil*